

RENOVAÇÃO

NUMERO OITO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* Telefone: *Trindade 339*

SUMARIO do numero anterior:

Panfletários: O centenário da morte do maior de todos — Paul Louis Gourier (com gravuras). **O I.º Congresso Confederal:** reportagem gráfica do congresso de Santarem. **De pernas à vela...** A igreja e a moda feminina. Em defesa da saía curta (com gravuras). **Paz armada!** Enquanto a Sociedade das Nações e o Congresso Universal da Paz se reúnem, a América e a Inglaterra aumentam os seus efectivos de guerra (com gravuras). **Trabalhos agrícolas:** O esforço exaustivo do camponês (com gravuras). **Silêncio!** poesia de *Aristides Ribeiro*. **A luta contra a prostituição:** O cincoentenário da Federação Abolicionista Internacional (com retrato), por *Arnaldo Brazão*. **O povo e as revoluções:** Os dias de Fevereiro de 1848 (com retrato). **Os acontecimentos da China:** As condições de trabalho do operário chinês (com gravuras). **Mundo curioso. Actualidades:** O aniversário do Sindicato do Pessoal dos Rebocadores e Gazolinas — O novo serviço de *taxis* em Lisboa — Operários despedidos das obras publicas — Monumento a Guy de Maupassant — A liberdade na América — O deputado comunista francez Durot. **Capa:** desenho de *Rocha Vieira* — **Hors-texte:** Maternidade, quadro de *Julio Morses*.

Ano I — Numero 8

Lisboa, 15 de Outubro de 1925

O presente número não contém *Hors-texte*

NUMERO OITO

Renovação

O PAPEL DA ÁGUIA NA FILOSOFIA

A águia, depois de dominar os mais altos cumes, veio poisar, altivamente, orgulhosamente, sôbre os mais altos píncaros da mentalidade humana.

Tanto o homem invejou essa ave altaneira, que desdenhava os povoados, tudo que era baixo, tudo que era vil, que chegou a fazê-la símbolo da sua própria aspiração.

Os filósofos demandaram as mais altas montanhas do pensamento e lá, nos altares da ideia, adoraram as águias insubmissas.

E as águias vieram assim a estender a sombra de suas asas sôbre uma nova vereda filosófica.

Padroavam essa filosofia do orgulho, de isolamento, da criação solitária que foi toda a filosofia do egotismo.

Desprenderam-se dos velhos braços aristocráticos que encimavam heráldicos portões e vieram descrever seu adejo desde os ombros de Max Stirner à cabeça de Nietzsche. E foi de seus voos que brotou a ideia do super-homem. Ideia pouco humana, mas que deu àqueles que a defendiam a sonda que devia descer aos novos pegos do pensamento, ainda por explorar.

Mas a águia era, sôbre tudo, egolada por

seu sentido de liberdade. Ela era o símbolo dos horizontes sem vetos, da imensidade infinita onde não se desenhava a sombra de nenhuma

algebra, do azul dos firmamentos que o génio do homem não tinha cuidado ainda.

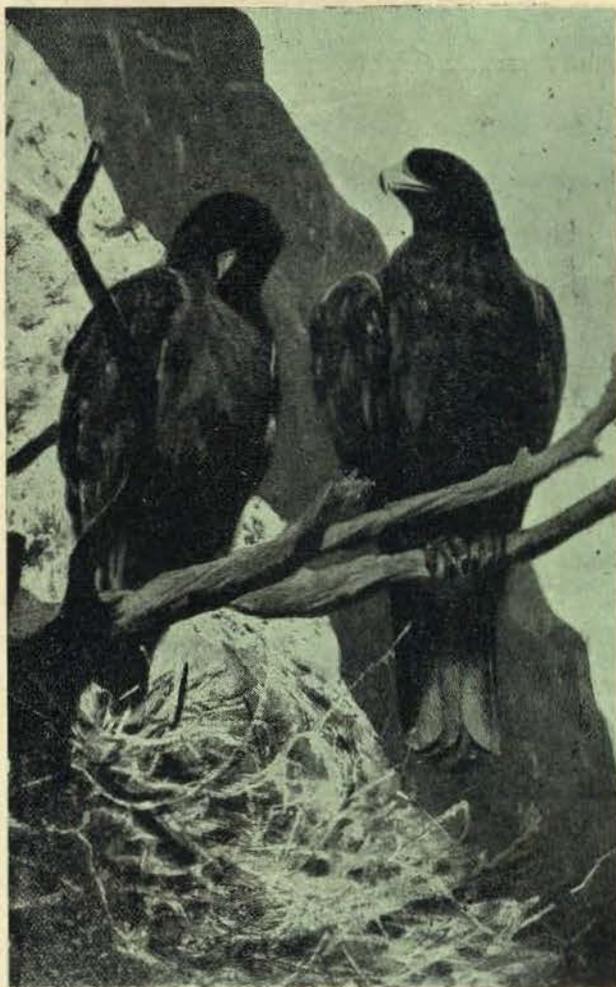
Ela não conhecia nenhum grilhão — e em sua própria ferocidade nocturna constata-se uma grande rebeldia, um afastamento completo de tudo que fosse escravatura.

E os filósofos viram-na assim como um exemplo da emancipação, pousado nos mais altos píncaros, a prescrutar os enigmas do mundo e da vida.

E com a ideia da águia veio a ideia da montanha — é dizer a emancipação definitiva como consequência da solidão absoluta.

E floresceu assim, no silêncio adusto dos cumes, a teoria individualista. Por vezes tão feroz, em seu sentido emancipador, como as próprias águias que lhe serviam de patrono. Seus apóstolos, na

ânciança de emanciparem o espírito, procuravam emancipar-se da própria espécie e tornavam-se pouco humanos. A fraternidade, aspiração ainda por realizar, fôra repudiada — e só o orgulho e altivez, cimentados por uma austera solidão, ba-



A águia real

lizavam êsses píncaros onde se refugiaram os argonautas daquele novo mar do pensamento. E só o desdem para os que não haviam atingido os cumes, enrugava os lábios daquela falange solitária. Havia muito de belo nessa teoria, mas havia também muito de odioso.

O indivíduo, nessa sua aspiração, afastava-se e renegava a colectividade. Não se procurava modificar a regra, procurava-se aperfeiçoar a excepção.

«O homem que está só é o homem que está melhor» — dissera Ibsen. «Não se compreende uma águia entre os pardais.»

Adentro da filosofia a afirmação estava certa; adentro da vida comum ela traía os princípios da colectividade.

Novos ideais sugiram mais amplos, mais vastos, mais situados entre a humanidade ansiosa de emancipação. E os apóstolos da teoria individualista viram diminuir seus discípulos, quasi até à extinção. De seu verbo, porém, algo ficou; novas clareiras êles abriram nas brenhas do pensamento, às quais de quando em quando assomam, a traçar novos sulcos de liberdade, as águias altaneiras.

DA "ARTE MODERNA,"

A falsa arte moderna, que em suas aberrantes manifestações há mais de cinquenta anos turva a clara inspiração artística, produzindo daltonismos de cor, desganhamentos de traços, precosismos de atitudes e de frases, atingiu o seu apogeu neste doloroso período, que se seguiu à Guerra, e tudo indica que declina já.

E' tempo, portanto, de dar o balanço à mistificação que líquida, de lhe fazer mesmo o elogio fúnebre.

O seu triunfo máximo obteve-lo o suposto modernismo nessa Alemanha, tam avessa às coisas da sensibilidade e do espirito. E a Rússia, embriagada de sangue e de dor, deu-se ao luxo de o alentar também. Hoje a incrível «arte moderna» só delicia os cervejeiros teutonicos e a aristocracia gerada na *Nep*. Ninguem com cultura artistica acreditou jámais nas mistificações dos futuristas e dos cubistas, dos impressionistas e dos expressionistas, dos primitivistas e dos superrealistas e demais fauna pretenciosa e insípida. As massas incultas não vibraram com essa «arte» postiza, grotesca, que não lhes dizia nada.

Para que supurasse toda essa teterlogia do modernismo em arte, foi mister que chegassemos a este fim da idade dos metais, à era do industrialismo triunfante, que endeusou a máquina.

Todas as artes plásticas são artes decorativas e todos os artistas são um pouco industriais. Para lisonjear os deuses do momento: o capital onnipotente, a sciência sua escrava e a máquina sua aliada — deram êsses artistas largas à imaginação, procurando tudo quanto fosse agradável ao seu dono e senhor, utilizando aquilo que as forças ao serviço do capital lhe podiam dar de aparentemente original.

Assim, os pintores encontraram na química tintas que a natureza ignorava e os escultores procuraram na maqui-

naria inspiração para as suas composições. Os literatos êsses, mais comedidos embora, buscaram nas formulas, na linguagem das fábricas e do negócio símbolos para se exprimirem.

Nisto, nesta exaltação do capitalismo, do industrialismo, consistiu essa «arte moderna», em que se louvam alguns moços avançados, ignorantes talvez da própria gênese dela.

Outro factor que impeliu o desvio da sensibilidade artistica, no sentido do disparate e do extravagante, do irrisório e do monstruoso, foi a hipertrofia da individualidade o excessivo egoismo disfarçado em egotismo, a ausência de ideias, mascarada de estranha misteriosa revelação... E os «artistas» aparentando um ridículo esoterismo passaram a ser todos subjectivos e deram-se a produzir mamarrachos como os que «ilustram» esta pagina.



Plástica luminosa por Nicolaus Braun

Existe, porém, uma arte verdadeiramente moderna, produto do nosso século e que traduz o estadio de civilização atingido. E' aquela arte que interpreta a vida atual e é somatório do saber passado e dos conhecimentos de hoje, é a arte da vanguarda que sintetiza tudo que foi belo e o pouco que ainda o é; é a arte que tem fundas raizes na tradição e se projecta para o futuro, para a repetir em beleza.

Em arte, como em tudo, a tradição, o passado, são fontes de emoções e ensinamentos. O estatuário de hoje busca a linha flexuosa da *Venus de Milo*, a alada leveza da *Vitória de Samotrácia*, a viril postura do *Apolo de Belvedere*, para escopo e inspiração, como o libertário sonha com a *clan primeira*, com a *comuna medieva*, e com a *cidade-livre*, que são o exemplo historico da sociedade futura, por que luta.

E ambos, o que sonha na pedra e o que escultura ideias, não visam a reproduzir integralmente essa tradição de beleza, anseiam sómente por a adaptar às coisas de hoje, por meio de correcções mútuas, de interpenetrações infinitesimais, erguendo um edifício, que tenha por alicerce o que há de bom e de belo no passado e por cúpula magnífica o futuro.

A preocupação de originalidade, que é louvável como anseio de renovo e perfeição, chega ao delírio em alguns artistas e leva-os a querer romper com o passado, com o passado que ignoram. Quebrada a cadeia perdem-se no vazio da sua imaginação doente. Arrancadas ao humus fecundante as raízes da planta, ela estiola, morre. E se alguma vive mais do que a hora febril, em que se alimentou da própria seiva ainda vinda da terra-mãe, — que o digam!...

Não, o artista, o realizador da beleza, como o homem do pensamento, representa todos aqueles que o precederam na sua arte ou na sua ideologia, somados com a própria individualidade. E' o passado mais *nm*.

E é esse *um* que o faz ser diferente, original, grande. Se esse *um*, porém, é menos que mediocre, não excede a craveira média, os próprios valores do passado se desagregam, por não encontrarem chefe-de-fila, que suporte o embate. E pode esse mediocre vir para a praça-pública gritar que é novo, que é moderno, que é original, que é avançado e só fará sorrir... E' que não é novo, nem moderno, nem original, nem avançado quem quer e o diz ser. E' preciso prová-lo. E o tribunal que julga essas causas não é constituído pelos conventículos do elogio mútuo.

São, todavia, êsses conventículos do elogio mútuo que perdem muitos moços talentosos, estimulando nê-

les gloriolas de botequim, vaidadezinhas sopradas nas gazetetas.

O feroz individualismo da hora absorve todos. Cada um, seja no que fôr, quer sobressair, chegar primeiro, custe o que custar. Explica-se isso na política e no negócio, mas na arte!...

Que longe estamos dessa arte comunitária e anônima que as estatuetas encontradas na necropole de Tanagra nos revelaram e os mármore polidos, que o mar das ilhas poupou, confirmam!

Que longe, dessa arte medieva, feita pelo povo e para o povo, quando ainda não havia a aristocracia dos raros apenas!

Que longe dêsses ceramistas ignorados que computaram maravilhas de frescura e de graça, sem exigirem que os seus nomes ficassem na história!

A arte para satisfazer à sua função social deve ser assim, comunitária e democrática. Para ser didáctica e morigeradora precisa de que todos, cultos e incultos, a compreendam. Para servir de documento etnográfico, deve ser um produto colectivo, e nunca a afirmação secular da vaidade dum indivíduo, que se esquece dos

milhares de antepassados e das centenas de contemporâneos que tornaram possível a realização artística de que se orgulha.

A suposta arte moderna, exaltação do capitalismo, do industrialismo, do individualismo, — agoniza. O Salão de Outono, que acaba de inaugurar-se em Paris é disso a prova. A esse certame concorreram artistas da vanguarda vindos de todas as partes do mundo e a vasta produção artística que encerra não é mais do que a reabilitação da grande arte eterna, da grande arte classica — como afirmou um crítico — rejuvenescida pela impressão moderna.



Mulher com uma tulipa
Quadro de Aurel Bernath
Exposição Der Sturm, de Berlim

Como os nossos pobres antepassados das cavernas e dos bosques, vemo-nos presos pelos nossos sentidos que nos limitam o universo, e supomos que nossos olhos o descobrem quando só nos oferecem um reflexo de nós próprios. Para exprimir as emoções da nossa ignorância só dispomos ainda da voz do homem primitivo, se bem que articulemos bastante melhor os balbuceios e harmonizemos um pouco os seus alaridos, porque não é outra coisa a linguagem humana.

ANATOLE FRANCE

AGUAS, AGUADEIROS E... AGUADOS

AS CONDENSAÇÕES FILOSÓFICAS CIENTÍFICAS E JURÍDICAS DAS AGUAS — A REALIDADE BÍBLICA NO SÉCULO XX — A SÊDE DO LISBOETA DEVE TORNAR-SE UM COPIOSO TRIUNFO ELEITORAL.

Ao invés de Danton, qualquer de nós teria dito que, antes do pão, a água é a primeira necessidade do homem. As populações promíscuas e bárbaras pouco estimam o vaporoso adversário das sécas e das imundícies, que nas grandes metrópoles domina as preocupações dos párias da sede e da higiene. São estes párias que, mergulhados nos confortos da civilização, sonham a ventura, comum e desaproveitada no camponês e no aldeão, de se aconchegarem a uma nascente onde se banhassem num regato, libertas da ditadura de monopólios, que afogam necessidades humanas.

Sobre a água se tem condensado núvens de especulações filosóficas e científicas, núvens que se desfazem em aguaceiros de conceitos e provérbios. Aristoteles dizia ser a água um dos quatro elementos do universo; Tales de Mileto via nela a origem de todos os outros corpos; Pêmio atribuía a sua existência à condensação do ar; Newton acreditava num vapor líquido em contacto com o ar; Boyle, Leibnitz, Marggraf procuravam a formação da água nas transformações do calor; finalmente, para não enumerar mais, Cavendish, Lavoisier, Watt descobriam as propriedades do hidrogeneo e do oxigénio na composição do liquido. Nos nossos dias, Carlos Pereira afirma as propriedades da Companhia de Lisboa nas correntes do Alviela e demonstra que a água condensada nas altas regiões do Terreiro do Paço se dilúí em chuvas frequentes



O aguadeiro português



Num chafariz em Nápoles

de grossas quantias, que vão inundar, acima de todos os níveis, os cofres do potentado.

Os campos do Direito foram transbordados por grandes rios de legislação, onde marinhavam agitados interesses e problemas insolúveis. Os gregos determinavam uma equitativa distribuição das águas e desviavam o curso dos rios para aproveitar a todas as terras. E tais partilhas eram comparadas por Platão à distribuição do sangue no corpo humano. Os romanos davam uma grande importância às águas e, além das aplicações comuns, usavam-na para os rituais das purificações, dos sacrificios e dos casamentos. Quasi todas as águas correntes eram usufruto comum, apenas se tolerando que as correntes inavegáveis fossem propriedade restrita de particulares. O direito internacional, que apenas se refere ao domínio dos mares e rios internacionais, foi regulado pelo tratado de Viena de Austria, firmado por muitas na-

ções, no ano de 1815. Todos os Estados teem legislação sobre a propriedade, classificação e aproveitamento das águas.

Em Espanha, são concedidos privilégios para usufruto pessoal d'e aguas correntes, resalvando-se o interesse público. Constituíram-se Tribunais de Aguas para resolver as questões suscitadas pela posse das aguas, obras e prejuízos. O tribunal de Valência ficou célebre pelas questões levantadas, que puzeram a cabeça em agua a tantos contendores e juizes.

Os temas e as acepções da água formam já um complicado delta de designações industriais, litúrgicas, químicas, zoológicas, botânicas e sanitarias. A arte, as lendas aquáticas também formam um imenso caudal de motivos e de concepções. O que mais impressiona a imaginação dos artistas é o episódio biblico de Moisés fazendo brotar a água no deserto, com a sua varinha. Os mestres da pintura não desdenharam da água como um assunto inexaurível para a beleza das suas obras.

Na mitologia, tambem a água teve cultos. Os árias afirmavam ser Varuna, o pai de todas as águas celestes e igual conceito faziam os irânicos da deusa Ardvicura. O gigantesco rio Nilo, segundo os egipcios, era navegado pelos deuses, e só os deuses conheciam os astros e as fontes da Terra. O Nilo servia também de leito a um deus bissexual. Os egipcios usavam das águas dêste rio para os seus ritos. Os germanos chamavam o senhor das aguas ao deus Nix, génio dos rios, arroyos e estanques. O culto, que os índios da América prestavam, significava que a água fecundava a terra. São numerosos os mitos dos gregos e dos romanos: Pontos, filho de Goa, personificava o mar, Níreos, filho de Pontos, o movimento das águas e



Tribunal das Aguas, por Ferrandiz (Museu de Bordeus)

as Naiades eram as belezas do Oceano. Neptuno era o deus romano dos mares. Entre os lisboetas, o sr. Carlos Pereira é o deus da sede e a água da Companhia um mito, adorado e desejado.

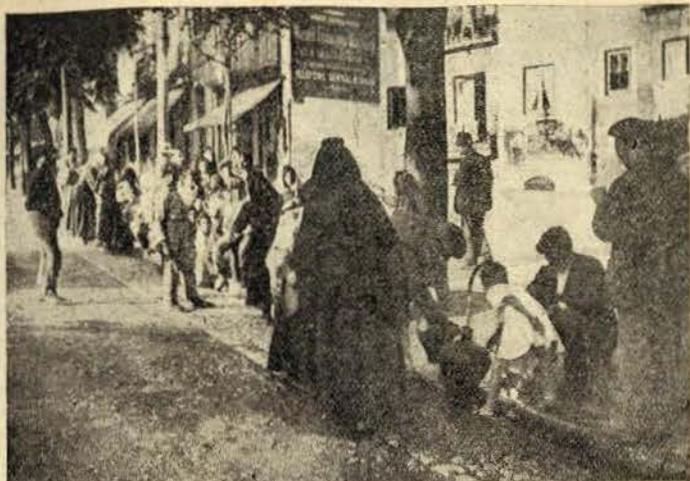
Moisés passou em Raphidim, quando os homens clamavam angustiadamente por água que lhes afogasse a sede do deserto. E a varinha de Moisés bateu três vezes numa rocha, e da rocha brotou logo uma nascente que nunca mais secou. O lisboeta tambem clama por agua, sem viver no deserto.

E o onipotente Carlos Pereira, que simboliza o mito da Companhia, não vem bater três vezes com o seu bengalão (que são as varinhas do século XX) nas fontes ressequidas. Mas dá ao sedento — mais sedento do que higiênico — lisboeta a realidade de todas as locuções bíblicas. Reduz uma pessoa a «comprar agua», o que é sinal de extrema miséria; dá-lhe depois uma quantidade restrita do que vem a ser «água de angústia»; amargura a existência com «agua de fel»; força o lisboeta a rebentar bocas de incêndio para trazer a «agua furtiva»; simbolo de prazeres interditos e, no fim do mês, dá-lhe a «água da expiação», que o lisboeta paga sem protesto.

Tornou-se bíblica a tortura desta cidade de paralelepípedos e lixo. No verão, dá-se ao pobre consumidor — água pela barba. A praga dos aguadeiros, que divinizam Carlos Pereira, caiu sobre a capital de um país sem civilização. Pedem nma fortuna por dez litros de uma água contaminada dos germens de tifo, extraída, em fontes impuras, de uma canalisação que cruza com os esgotos. Esgotados ficam os recursos do consumidor ao terceiro barril que o aguadeiro lhe impinja, e passa a apelar para o fogo, na ânsia de uma gota de água. Quando arde um predio, todo o bairro tem agua abundante — razão poderosa que pode levar o lisboeta a exigir



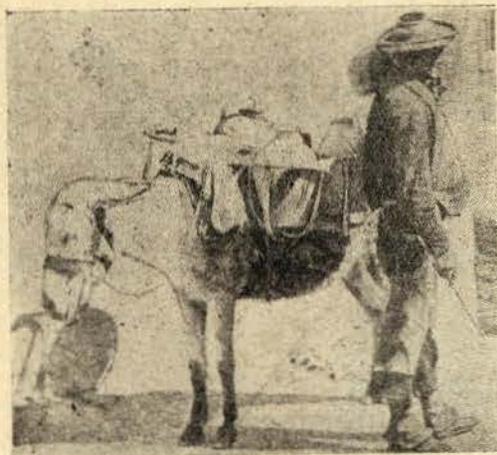
A Agua. Sobreporta do palácio Celesia, por Barabino (Genova)



Bicha a uma fonte pública em Lisboa

que arda um bairro inteiro para que a cidade mate a sede e lave os pés, ao menos, uma vez na sua vida.

De resto, os aguadeiros são fontes principais das populações sem água e sem civilização. Que saibamos, os aguadeiros só medram na Espanha medieval, no Marrocos premievo, entre os nómadas do Cairo e de Jerusalém, no México e em Portugal. Nos países adiantados, nem sequer se vendem capilés ou copos com água. Em Lisboa, pois, os aguadeiros são as fontes publicas, mas o habitante é que escorre com uns atribulados escudos, se quere ter um pote cheio de água. As Águas Livres foram captadas por um gigantesco e inútil aqueduto que per-



Aguadeiro cordovez (Espanha)



Uma aguadeira napolitana

Todo o pensamento vigoroso, toda a palavra enérgica, todo o esforço no grande combate da justiça e da liberdade repercutem-se de homem a homem, de povo a povo e desde o velho curso dos tempos ate ao mais distante futuro.

E. RECLUS

A TRAGEDIA BULGARA

ASSASSINATOS SOBRE ASSASSINATOS



Tsankov

Ha dois anos e meio que este pequeno país, a Bulgária, depois de mutilado e sangrando de seis anos de guerra, de 1912 a 1918, é presa do terror branco, unico na historia pela sua ferocidade.

Massacres collectivos, assassina-
tos, execuções sem
juízo, enfor-
camentos, enve-
namentos, torturas
renovadas verda-
deiramente inquisi-
toriais, de tudo tem
experimentado, sob
o governo de
Tsankov, este indi-

tooso povo bulgaro. Não ha uma familia operaria ou cam-
ponesa que não tenha victimas a chorar. Este viu o pai en-
forcado porque era anarquista ou comunista! Aquele viu
seu irmão martirizado porque pertencia ao partido agrario!
Esta mulher condenada á morte porque alojou um cons-
pirador! Este advogado morto em sua
casa a tiros de revolver porque defendeu
no Conselho de Guerra um acusado. Este
outro, preso, depois assassinado, porque
serviu de interprete a um estrangeiro que
fazia um inquerito!

Milhares, ouvi
bem proletarios, mi-
lhares de homens e
de mulheres morrem
nos suplicios bulga-
ros. E a torrente de
sangue corre sempre,
parece não querer de-
ter-se. Na Idade Media, o imperador bizantino, Basilio,
mereceu o sobrenome de *Matador dos bulgaros* pelos
grandes massacres que ordenou nos campos de batalha
dos Balkans.

Este sobrenome historico o povo bulgaro martirizado
o aplica hoje com não menos razão ao seu rei Boris e
aos seus ministros. Ele apela, o povo bulgaro, para os
seus irmãos da Europa ocidental, ele espera ainda que o
proletariado da Inglaterra, da França, da Alemanha, da
Belgica, da Suissa, possa dizer ao carrasco: — *Tu não mar-
tarás mais.*

Antes das guerras balticas o povo bulgaro era
sem duvida o mais avançado dos Balkans, aquele que pa-
recia ter o melhor futuro. O czar Fernando, porém,
apoiado na classe militar, não fez outra cousa senão
arrastá-lo de desastre em desastre, levando-o a guerras
consecutivas com as suas ambições de predomínio. Foi
assim que ele arrastou a Bulgária á guerra europeia ao
lado dos imperios centrais.

O camponês bulgaro bateu-se ao
serviço da ambição dinastica do seu
rei durante seis anos. Mas no estio
de 1818, exausto de tanta luta, ele
abandonou a frente de batalha e a
sua revolta contribuiu largamente
para precipitar a catastrophe austro-
alemã. O rei Fernando e os seus
aílicos fugiram. Foi então que Stam-
boulisky, o chefe dos agrarios, tomou
o poder.

Stamboulisky soube utilizar a có-
lera das massas camponesas contra
os velhos partidos responsáveis da
ruína do país e da miseria pública
mas não soube captar a classe operária das cidades e en-
trou também em luta com ela.

Não tendo por si os operários, em luta aberta com
os velhos partidos que se apoiavam na finança, na industria
e no comércio, Stamboulisky baqueou do poder em 9 de
junho de 1923, por um golpe de estado militar.

No dia 9 de Junho Stamboulisky não estava em Sofia
mas em Slavovitza, sua aldeia natal. Quando lhe disseram
o que se passava em Sofia, isto é, que o seu governo es-
tava por terra, ele quis combater e chamou às armas to-
dos os camponeses dos arredores, trasladando-se para
Pazardjik. Três dias errou em volta desta cidade. Mas as
tropas de Tsankov depressam chegaram, superiores em

número, e o bando
dispersou. Stambou-
lisky foi preso. E en-
tão, num campo, sob
a direcção do capitão
Herlakov, começou o
seu suplicio.

Cortou-se-lhe o
nariz primeiro, depois
as orelhas. Em segui-
da arrancaram-lhe a
língua e vasaram-lhe
os olhos. Cortaram-
lhe os pulsos e como
o hercules camponês
se obstinasse em não
morrer apesar de to-
dos estes suplicios
abriram-lhe a cabeça

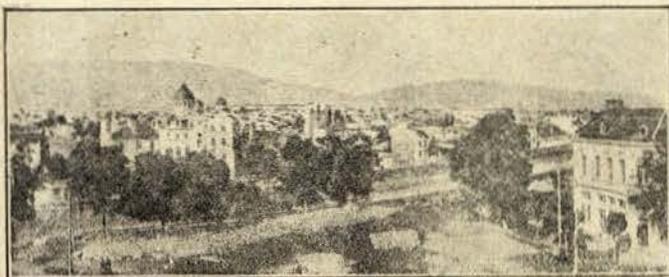
a golpes de sabre. Os restos sangrentos do chefe agrário
foram abandonados no campo do suplicio e aí estiveram
longo tempo. Os camponeses vinham beijar a terra regada
com o seu sangue e começavam já a formar-se lendas
sobre a personalidade de Stamboulisky.

Os dominadores de Sofia foram avisados do que se
passava e uma noite os horribéis despojos desapareceram
secretamente.

Ninguém sabe hoje onde repousam os restos de
Stamboulisky.

*A ignorância mais vergonhosa consiste em ter como
verdadeiro o que se ignora, e o serviço que se pode prestar
à razão é livrá-la de um erro.*

SOCRATES



Uma vista de Sofia

O assalto da polícia ao edifício da C. G. T.



A devastação feita pela polícia no gabinete do Conselho Técnico da Construção Civil

Causou a maior indignação popular o assalto, sem nenhuma justificação, feito à sede da C. G. T. pela polícia que ali deixou da sua passagem os sinistros vestígios que estas gravuras mostram.

Não foram, porém, só estes, que os leitores aqui vêem, os destroços cau-



Os destroços causados pela polícia no gabinete dos Impressores tipográficos

sados nos organismos operários assaltados. Outra dependência, que servia de depósito ao mobiliário e cenário do teatro da Construção Civil, foi vítima do vandalismo policial, que à sabrada rasgou o pano de um grande quadro onde se lia a célebre frase de Marx: *A emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos próprios trabalhadores.*

Durante dois dias a população de Lisboa desfilou pelas salas devastadas manifestando a sua repulsa pelo procedimento da polícia.

ACTUALIDADES

O Primeiro Congresso Confederal



A assistência ao 1.º Congresso Confederal

Da esquerda para a direita: Armando Borghi, da A. I. T.; Vasco da Fonseca, redactor de *A Batalha*; Santos Arranha, director de *A Batalha* e suas publicações; Blanco e Gonzalez, delegado da C. N. T., de Espanha

Terminou o 1.º Congresso Confederal que se realizou em Santarem que, além de ratificar a adesão da organização operária portuguesa à Associação Internacional dos Trabalhadores, com sede em Berlim, resolveu substituir o secretário geral da C. G. T. por um secretariado composto de três membros. No congresso fizeram-se representar a A. I. T. pelo militante operário Armando Borghi e a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha pelos militantes Gonzalez e Blanco.

O aniversário da República



A manifestação popular em frente do palácio da presidência

A data de 5 de Outubro foi ruidosamente comemorada pela policia e juntas de freguezia. O povo político limitou-se a uma manifestação de simpatia ao

Chefe do Estado e a uma assuada ao antipático homem público António Maria da Silva, e ao policia Barbosa Viana.

O livro do dia

O nosso querido e assíduo colaborador Ferreira de Castro acaba de lançar ao mercado mais um livro: *Sendas de lirismo e de amor*, edição



Vidal José e Joaquim Candeira, delegados ao Congresso Confederal dos trabalhadores rurais de Evora e da Federação rural



Ferreira de Castro

Spartacus. Neste livro, o autor apreciado de *Carne Faminta*, *Êxito fácil*, *Sangue negro* e *Metamorfose*, alicerça solidamente o seu lugar primacial entre os novos escritores, pela originalidade do seu temperamento e pela audácia do seus conceitos filosóficos e sociais.

O MUNDO CURIOSO

A sorte dos inventores

Estamos no século da organização científica.

O desenvolvimento do maquinismo, o poder da indústria, formidavelmente organizada, dão-nos todos os anos, se não uma invenção verdadeiramente nova, pelo menos um aperfeiçoamento que transforma, melhorando, o trabalho mecânico.

É enorme a legião de pesquisadores e cada descoberta redobra o zelo dos imaginativos.

Quanto se entregam a vãs experiências, à procura da quadratura do círculo ou do movimento contínuo?

15 a 20 por cento das memórias apresentadas nas repartições das invenções apresentam algum interesse, sendo susceptível de vingar uma por cem.

Deve contar o autor de qualquer projecto realizável com toda a casta de obstáculos invencíveis para quem não seja dotado de uma paciência e duma energia a toda a prova, e são muitas vezes consideráveis os capitais necessários para o seguimento de trabalhos.

Uma invenção raramente é constructiva de começo.

Causa a admiração, provoca a desconfiança, a inveja ou a ironia. Em 1925, mais do que em outras eras.

Recordemos as grandes descobertas feitas no meado e no fim do XVII século. As facilidades da nossa existência actual são a elas devidas.

Estudam-se um pouco por toda a parte os efeitos físicos do vapor d'água, quando Denis Papin constrói a sua marmitta, o seu digestor com valvula de segurança, que é o precursor das autoclaves modernas.

Papin, ai por 1700, vivia fóra de França, muito pobremente, como muitos outros protestantes franceses, e Leibnitz interessou-se pelos seus trabalhos.

Em 1707, o «médico Papin» construiu uma maquina a fogo, capaz de mover os remos dum barco. Montou-a num barco fluvial do Weser, e participou a Leibnitz a sua invenção que por meio do fogo tornaria um ou dois homens capazes de levar a palma a muitas centenas de remadores.

Tres meses mais tarde realizou as primeiras experiências. Leibnitz foi avisado de corresponder aos desejos de Papin.

Leibnitz deu a Papin uma carta para o bailio de Münden, dispondo-se aquele a seguir para Bremen e Mar do Norte, quando os bateleiros de Münden, convencidos de que ia arruinar a sua indústria, o atacaram, destruindo-lhe o aparelho.

Papin seguiu para Londres, onde solicitou o auxilio da «Sociedade Real», à qual propoz construir uma nova fornalha que consumiria metade dos combustíveis. Pedia humildemente 250 francos.

O seu apelo ficou sem dúvida sem resposta, por que morreu na miséria em 1714.

Mais de meio século decorreu. O barco de rodas de Papin parecia esquecido quando em 1773, o marquez de Jouffroy sahia da ilha de Santa Margarida onde o haviam exilado, por causa de um duelo que tivera com o coronel do regimento a que pertencia.

Vindo a Paris soube dos dissabores sofridos por um émulo de Papin, de Auxiron, que em 1773, construiu um barco de rodas, movido a vapor.

Uma guarda militar devia proteger o «piroscapo» contra a inveja e a malevolência dos marinheiros da ilha dos Cisnes, o que não impediu o barco de ir para o fundo do rio e de Auxiron morrer de pesar.

Jouffroy refugiou-se em Baume-les-Dames, pequena cidade à beira do Douba, onde não tinha que temer invejosos. Um caldeireiro construiu-lhe a maquina que desejava, que foi montada sobre um barco de 40 pés de comprimento munido de rodas com palhetas.

Dez mil pessoas o aplaudiram quando o barco, transportado para Lyon, subiu o Saône durante mais dum quarto de hora.

As coisas mudaram, porém, de aspecto, quando Jouffroy quiz industrializar a sua invenção e organizar um serviço de transportes no Saône.

Mr. de Calonne recusou-lhe a concessão dum privilégio por 30 anos. A côrte e os salões ridicularizavam o inventor, que embarcava bombas de fogo nos rios e pretendia conjugar o fogo com a água.

Jouffroy, que as experiências tinham arruinado, renunciou a continuá-las.

O americano Fitch que vivia em França e era protegido de Brissot, pensou, por momento, interessar a Convenção em novas experiências sobre a applicação do vapor à navegação.

Mas assim que Brissot foi guilhotinado em 31 de outubro de 1793, Fitch partiu para a América. E como ninguém é profeta na sua terra — sobretudo em matéria de invenções — farto de viver e de ser ludibriado, Fitch lançou-se ao mar em Delaware, legando os seus manuscritos, os seus planos e desenhos à «Sociedade Filantrópica da Pensilvania» para o caso de alguém pretender continuar os seus empreendimentos.

Alguns anos mais tarde, Fulton realizava a navegação a vapor. Fulton era americano. Foi profeta em França.

—O fim do século XVIII viu os trabalhos de Chappe, de Carcel e de Philippe Lebon.

Tinham estabelecido o seu telegrafo no parque do representante do povo Saint-Fargeau, em Maimontant, e a Assembléa Legislativa aceitara a homenagem graciosa que elles lhe haviam feito.

Mas os habitantes da comuna de Belleville julgando que os aparelhos eram destinados a correspondência secreta com o rei, os presos do Temple e para servir os projectos dos inimigos, incendiaram-nos.

Remediados os estragos, a 25 de julho de 1793 o governo adoptava oficialmente o telegrafo aereo.

—Claudio Chappe conheceria o seu contemporâneo Carcel?

A lampada de Luniquet ou d'Argand estava então em moda, quando o relojoeiro Carcel, ai por 1793 procurou tambem aperfeiçoá-la, collocando-lhe na parte inferior uma pequena bomba cujo piston elevava constantemente até á torcida o oleo contido no reservatório.

Carcel tinha sobre a porta uma taboleta, dizendo: «Carcel, inventor», o que fazia sorrir os transeuntes.

A mulher censurava-o por abandonar os relógios e as pendulas. Carcel vivia havia anos como mudo. A pertinácia em prosseguir na sua *ruinosa quimera*, fizera-lhe perder a freguezia.

Seu visinho, o pharmaceutico Carreau, troçou d'ele até uma noite em que ouviu em casa d'ele gritos de júbilo. Carcel achára.

Alguns dias depois, a taboleta era transformada: «B. G. Carcel, inventor e fabricante das lampadas mecánicas. A lampada Carcel teve um successo de estima, mas ninguém a quiz adquirir. Tanto assim é, que o inventor mecânico morreu na miséria em 1812.

Outros deviam beneficiar com os seus trabalhos.

—Philippe Lebon, o pai da iluminação a gaz, conheceu tambem o infortunio.

Saindo da Escola de Pontes e Calçadas, o jovem e brilhante fisico inventou o *termo-lampada* ou aparelho de iluminação utilizando o gaz tirado de madeira calcinada.

Arruinou-se em demonstrações tão caras e brilhantes qão vãs. Não foi considerada séria a sua invenção.

Mas Lebon dava-lhe tanta importância que desprezou ofertas estrangeiras, para reservar à França o beneficio da sua invenção.

Morreu assassinado em 1804, e foi um inglês, Winsor, quem alguns anos mais tarde introduziu em França a iluminação a gaz.

O vigéssimo século viu nascer a aviação, talvez um pouco tarde, porque o século anterior não fizera caso de Ader, o primeiro homem voador.

No século que vem seguir-se-hão iguais processos?

AS PROFISSÕES HUMILDES

A ALMA NOMADA DOS AMOLADORES DE TESOURAS E NAVALHAS

De onde veem?

Mui vagamente sabe-se que são espanhóis, que veem duma aldeia ignota, quiçá florida, quiçá desolada sob ventos fortes, que desde as matinas ao crepúsculo passam entoando funebres árias.

Da Galiza? Da Andaluzia? De Aragon?

Não importa; ninguém se preocupa com esse ponto do mundo de onde são oriundos. Sabe-se apenas que eles são amoladores de tesouras e de navalhas, que é profissão humilde e anónima, profissão vagabunda que tem de cobrir-se com o pó de todos os caminhos. Como os ciganos. Como os cómicos ambulantes. Como esses homens lugubres que arrastam de aldeia em aldeia, de mercado em mercado, de feira em feira, um urso, um macaco e uma pandeireta.

Para onde vão?

Também se ignora. Isso também a poucos preocupa. Sabe-se que eles conhecem todas as estradas, sabe-se que eles se renovam sempre, que nunca são os mesmos e conhece-se muito bem seu pregão, já familiar ao ouvido de todos os povoados:

— Guarda-chuvas... tesouras... navalhas...

Alguns são adolescentes, outros crianças ainda.

E eu fico a meditar sobre o mundo errante, sobre o génio peregrino que os levou assim a palmilhar longínquas veredas, em cujas margens se acoitam sofrimentos imprevisíveis.

Levam uma boina, uma calça de bombasina e uma blusa tantas vezes estufada!

E andam sempre e não param nunca, como se os atraísse a distância, como se os fascinasse as sendas mais espinhosas.

Que incompreendido encanto terão para esses olhos peregrinos, as árvores que meditam à beira dos caminhos e os dorsos sinuosos das montanhas que se recostam no horizonte?

Quando o dia vai avaro, eles pedem nos caseiros, humildes, uma côdea de pão e uma malga de caldo, que são os verdadeiros símbolos da humildade.

E logo recomeçam sua marcha infundável, dirigindo muitas vezes seus passos para os labirintos da noite.

— Tesouras... navalhas...

E' uma voz que irradia, que ecoa longe, que entra por todas as portas e sobe a todas as janelas.



Para onde vão? De onde veem?

Que ponteiro incandescente marcará naquela alma ambulante a saudade pela aldeia nativa e por esse lar onde existe uma velhinha que é mãe e que talvez os aguarde sempre, sempre, interminavelmente?

Porque eles também devem ter uma mãe, um tecto enegrecido pela fuligem e uma lareira onde no inverno as achas crepitem suavemente. Eles, que vislumbram todas as outras lareiras, também devem ter uma nostalgia densa a dolorir seus passos, a pautar seu trabalho, seu sacrifício errante...

Ferreira de Albuquerque

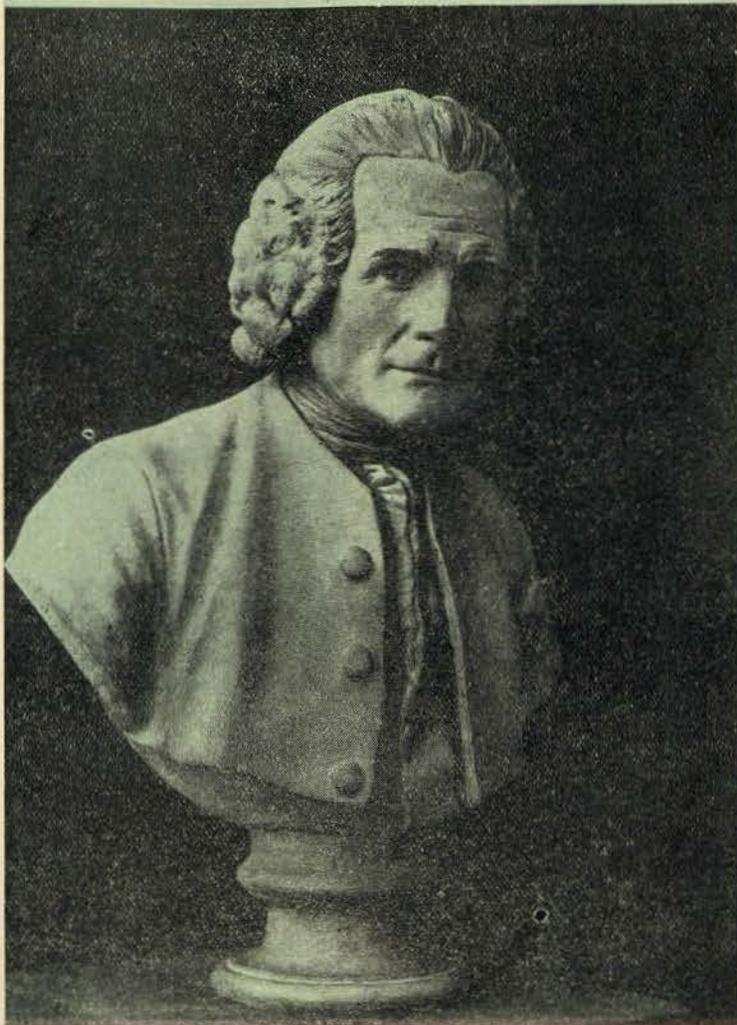
JEAN JACQUES ROUSSEAU

O MAIOR E O MAIS DESVENTURADO FILOSOFO DO SECULO XVIII, CUJA OBRA INSPIROU A REVOLUÇÃO FRANCEZA E FOI A GENESE DOS GRANDES IDEAIS DE LIBERDADE

A figura intelectual de Jean Jacques Rousseau foi a mais formidável expressão filosófica de um século, o século XVIII, que se distinguiu pelo raciocínio e pelo scepticismo. Rousseau foi um profundo e místico sonhador, espírito melancólico e fantasista, mas, apesar de contemporâneo de Diderot e de Voltaire, as suas idéas, banhadas de uma incomensurável filosofia, inspiradas no amor da Natureza, consolidadas na revolta contra a injustiça e a desigualdade, tiveram uma influência determinante na Revolução Francesa e guiou espiritualmente a formação do romantismo.

Nascido em Genebra, no ano de 1712, a vida de Rousseau foi um cortejo infinito de amarguras, de nostalgias, de revoltas e de aventuras. Dir-se hia que herdara a assoladora desgraça dos seus ascendentes, foragidos de França, dois séculos antes, pelas odiosas perseguições religiosas. Sua mãe morreu de parto, talvez sem poder dispensar um olhar carinhoso ao ser recém-nascido; porém, a sua memória foi culto de Rousseau, que teve a infância suggestionada pela sentimental nostalgia do pai, no desgosto profundo e insólito de uma grande perda.

Assim, nos primeiros anos da sua vida, se começou desequilibrando a formosa inteligência de Rousseau; assim, a sensibilidade delicada do que deveria ser o filósofo do século foi assolada, na idade das fundas impressões, por um sofrimento torturante que se desprendia do seu próprio ambiente. A falta de recursos do pobre pai, modesto no seu labor de relojoeiro, proporcionou a Rousseau uma educação deficiente, que nunca se pensaria pudessem ser a gênese de um grande espírito. As leituras da sua infância foram os romances fantásticos, as histórias de cavalaria, as lendas de príncipes e fadas, que não eram material que lhe fundasse uma vasta e sólida cultura. Depois, as emoções do seu intellecto foram brotadas do estudo de Petrarca e das tradições dramáticas da Roma antiga. A influência destes estudos originou a formação filosófica de Rousseau, mas não diluiu a fantasia romanesca excitada pelas primeiras leituras. Numa lenta e segura evolução do espírito, que nele dominava mais do que todas as cousas da vida humana, foi provendo a sua vasta intuição de conhecimentos de história, da antiguidade, do latim e da filosofia. Tão longe ainda da consagração, já Rousseau se revelava a si próprio.



Busto executado por Hondon, vinte e quatro horas depois da morte de Rousseau e que se encontra actualmente no Museu Jacquemart-André, boulevard Haussman, Paris.

deciam do grosseiro materialismo da existência. E Rousseau começou percorrendo as oficinas, variando de mister, mas revelando em todos uma incapacidade que o desolava, por lhe parecer, na sua ingenuidade de adolescente, que isso desmentia a sua precoce ilustração. Obrigado à servidão económica, sentindo o seu carácter a de-

Porém, os enlevos do espírito não se compa-

Porém, os enlevos do espírito não se compa-

Porém, os enlevos do espírito não se compa-

turpar-se pela hipocrisia da existência, sofrendo dolorosamente a tirania dos padrões, Rousseau revoltou-se um dia e foi refugiar-se no campo, a retemperar os seus pobres nervos na tranquilidade da Natureza.

Sem trabalho, mas exultando a sua liberdade reavida, Rousseau lançou-se na vida aventureira, vivendo tantas vezes do acaso. Um sacerdote católico acolheu-o, amparando-o, na esperança de fazer o regresso ao dogma de uma alma perdida. Foi entregue aos cuidados de M.^{me} de Warens, cuja recente conversão causara ruído, e que deveria ter na alma de Rousseau uma ascendência extraordinária. A fantasia romanesca do jovem foi, porém, a sua defeza inexpugnável de uma eventual dependencia do seu espirito. Fugido ao hospício de catecúmenos de Turim, Rousseau foi laçao de um fidalgo, foi secretário do conde Gouvon, que o estimava pela sua ilustração, foi depois,

sob a égide de M.^{me} de Warens, seminarista em Anncly. Evidenciada a sua hipotética tendência para o estudo de teologia, a sua protectora confiou Rousseau à bondade de Lemaitre para que estimulasse e educasse o seu gosto pela musica clássica. E, depois que M.^{me} de Warens se ausentara subitamente e o professor Lemaitre morrera de um ataque de epilepsia Rousseau viu-se outra vez abandonado, outra vez na sua aventureira vida. Lecionou musica em Lausana e em Neuchatel,

manifestando uma incompetencia pedagógica que embaraçava a sua própria subsistência. Um falso arquimandrita seduziu o seu espirito visionario com a miragem de uma digressão a Jerusalem. O consul francês de Soleune, a cuja protecção se acolhera, depois do desaparecimento do seu traçoeiro amigo, notou as prodigiosas qualidades intellectuais de Rousseau e enviou-o a Paris, devidamente recomendado.

A vida intellectual de Rousseau, na grande capital, afirmou-se depressa á consideração publica. As suas inovações sobre a composição musical assombraram e foram vivamente discutidas. Os salões aristocráticos chamaram e homenagearam Rousseau. Depressa abandonou esta sua vida de aparente fausto, e transportou-se a Chambery, ao encontro de M.^{me} de Warens, animado da sua forte amizade, que se transmutou em sentimento amoroso e o fez amante da sua carinhosa protectora. M.^{me} de Warens foi a mais constante e a mais profunda afeição de Rousseau; a influencia moral desta mulher contribuiu notavelmente para a solidificação e expansão da mentalidade de Rousseau, para a coordenação dos seus ideais filosoficos e para a formação do extranho misticismo do seu espirito.

Mas a cerebração gigantesca de Rousseau desequilibrava-se quanto maior fosse a sua luminosidade. Para se curar de uma perigosa excitação de nervos, Rousseau foi em demanda do encantador isolamento de Charmette. Até ali chegou, porém, o eco triunfal de Voltaire, o crí-

tico mordaz do seu seculo. Rousseau discordou deste triunfo e atacou Voltaire num planfeto que impressionou o publico. Sentindo a força do seu adversário, Voltaire retorquiu com certa veemencia, embora as relações entre as duas figuras maiores do seculo XVII não fossem animadas de uma forte cordealidade.

O progresso espiritual de Rousseau contrastava a progressão da sua desordem mental. A visão alucinada do grande intellectual fazia desfilar á sua volta inimigos cruéis e amigos falsos, fazia pesar nos seus nervos amargurados a sugestão de imensos perigos. Neste estado de alma, que lhe trazia tantas torturas físicas, Rousseau mergulhou-se nas especulações filosoficas.

A vasta cultura de Rousseau, formada no estudo da historia e da antiguidade, nos conhecimentos da botanica, na observação rigorosa da existencia humana e, até, na

experiencia da sua propria desgraça, tão infinita como o seu talento, permitiram-lhe criar as mais formosas teses sobre a Natureza, a virtude, a justiça e a igualdade, de que os homens andam tão arredados que perderam a noção da personalidade. Os dogmas rígidos da Sciencia e as falsas sugestões da Arte excitaram mais a revolta do filosofo. Envolvido nesta complexidade do seu espirito, Rousseau animou-se de proselitismo no anseio de ensinar aos homens a senda da verdade e da justiça.

Proclamou que a Natureza era a residencia suprema e inviolavel da humanidade, onde a pessoa, livre e feliz, teria vida propria. A sua paixão da natureza vivia exaltada nos seus sentidos e fez dela uma demolidora satira á sociedade do seu tempo. Na sua filosofia tão humana e tão espiritual, poz as aspirações de uma vida perfeita, de uma justa e equitativa ordem social. Exaltava nas suas obras a virtude, o sonho de uma sociedade que fosse forte na harmonia e na fraternidade humanas. Prenunciava já, na visão alucinada do seu genio, essa formidavel tempestade que ruiu privilegios e abateu poderes seculares, e que na historia ficou para sempre inolvidavel, sob a designação popular de Revolução Francesa. Inspirou com as suas belas concepções de felicidade, de sonho e de bem, essa expressão admiravel do sentimento humano que fundou a escola romantica.

Rousseau triunfou. As suas doutrinas audaciosas e complicadas feriu a moral da epoca, deprimiu a mentalidade decadente do seculo. Desencadeou-se logo a perseguição á sua obra. O *Emilio* foi condemnado, ao mesmo tempo, em Genebra e em Paris, e Rousseau teve de procurar refugio no exilio. Expulso do territorio de Berne, onde se acolhera, passou ao principado de Neuchasel, cujo governador lhe deu afectuosa guarida e lhe reconheceu o seu inexcédível merito.

De novo na sua patria, Rousseau não descurou a sua actividade intellectual, publicando, entre varios trabalhos, a sua admiravel produção *Nova Heloisa*. Querendo



A casa em que habitou Rousseau em Ermenonville, segundo uma aguarela de Frédéric Meyer.

realizar na sua vida as aspirações filosóficas do seu espírito, Rousseau adapta-se a uma nova existência, no seio da Natureza e no culto da verdade. Aceitou a hospitalidade que M.^{me} d'Epinau lhe oferecia, recolhendo à solidão de Ermitage, no vale de Montmorency, já cansado dos homens, do mundo e da desventura.

A sua paixão por M.^{me} de Houdetot arrastou-o quasi à alienação mental e a crueldade da amante, a cujo jugo os enciclopedistas inutilmente procuraram arranca-lo, agravou o infortuio do filosofo, transmutando-se logo o seu caracter, tornando-se sombrio e irascível. Num acesso de exaltação nervosa injuriou um dia os seus melhores amigos, M.^{me} d'Epinau e os irmãos Grimm, que procuravam retemperar carinhosamente a sua saúde mental quasi aniquilada. E nunca mais quiz relacionar-se com os bondosos enfermeiros da sua alma.

Em 1762, Rousseau atrai à publicidade o seu notabilissimo *Contracto social*. As doutrinas expostas neste tratado filosofico vieram contestar corajosamente todos os principios economicos, morais e sociais, até então intangíveis. A polemica estabeleceu-se, mas Rousseau manteve toda a sua idea filosofica, que repudiava todas as leis, pretensas determinantes dos costumes sociais, que apresentava doutrinas defensoras de uma igualdade social numa vida livre e fraterna, que afirmava a virtude, a razão e a justiça como a moral das novas sociedades. Nesta obra formidavel, que foi a fonte primária do ideal

democratico, de todas as aspirações de liberdade e bem estar que teem vindo até os nossos tempos, Rousseau reflectiu com flagrança as maravilhosas concepções do seu espirito filosofico.

A extranha sensibilidade de Rousseau, depois da afirmação da sua filosofia, desgostava-se logo com a perfidia e a ambição dos homens que se suggestionavam com flamantes e ruidosos privilegios e se deixavam prender, pelos pulsos, como escravos, à cadeia doirada e aviltante que simboliza a vida social.

Recollido a Ermenonville nos ultimos anos da sua vida, durante os quais parece interrompido o seu labor intelectual, Jean Jacques Rousseau morreu, vitima de esgotamento cerebral, no dia 3 da julho de 1778. Sua obra ficou como monumento da Democracia, no pedestal, exprimindo a aspiração, imorredoura da alma popular, de uma sociedade livre e feliz — essa aspiração singular que insufla o progresso de todas as ideas, que as impulsiona para longinquos horisontes, onde se vai encontrar a ultima afirmação no ideal anarquista que vive no nosso século.

A Revolução Francesa não olvidou que o seu espirito reside na filosofia de Rousseau e prestou à sua memoria e à sua obra o maior e mais reconhecido culto. A convenção decretou e fez cumprir, com solenes homenagens, a trasladação dos restos mortais da grande figura para o Panthéon, onde se demora ainda, na companhia doutras glorias humanas.

O POVO E AS REVOLUÇÕES

OS DIAS DE JUNHO DE 1848

A revolução de fevereiro de 1848 que desituiua Luís Filipe e proclamara a republica fora um triunfo do operariado parisiense. Este vivia em miseria extrema. A introdução da maquinaria, a concentração industrial em grandes oficinas, especialmente na metalurgia e no textil, aniquilaram as pequenas oficinas lançando os operarios á margem, no desemprego. Assim iniciava a sua carreira o capitalismo moderno deixando sem pão e sem abrigo centenas e centenas de familias.

O governo provisorio para obtemperar a estes males abria as oficinas nacionais, proclamando o direito ao trabalho, e aí encontraram colocação os operarios desempregados.

As eleições que se seguiram ao acto revolucionario deram como resultado que as Camaras ficaram constituídas por elementos extremamente variaveis que não tinham na maior parte a consciencia clara do que queriam e desejavam, debatendo-se em incertezas e hesitações, fluando ora para a direita ora para a esquerda.

Neste tempo a França polulava de facções revolucionarias que chefiavam, alem de Proudhon, Luís Blanc, Barbés, Pedro Leroux, Lamennais, Raspail, Augusto Blanqui, Lagrange, Caussidière e outros.

A criação das oficinas nacionais fôra a unica regalia conquistada pelos operarios na revolução de fevereiro. Pois bem; logo em junho, isto é, quatro meses depois, a assembleia republicana insistia por que se fechassem as oficinas lançando os operarios na rua.

Os delegados das oficinas responderam com um manifesto muito notavel.

— Não é — diziam eles — o nosso esforço nem a nossa boa vontade que faltam ao trabalho; é um trabalho util, apropriado ás nossas profissões que falta aos nossos



braços. Pedis a supressão imediata das oficinas nacionais mas que se ha de fazer desta massa de 110.000 operarios que esperam, dia a dia, da sua modesta paga os meios de subsistencia para si e para suas familias? Quererão

entregar-nos aos maus conselhos da fome, aos impetos do desespero? Organisai, instruí, moralisai as oficinas mas não penseis em destruí-las.

A assembleia republicana impudentemente não quis ouvir conselhos. A supressão das oficinas tinha de fazer-se. E é curioso observar que os deputados que mais se esforçavam pela realização desta medida deveriam afirmar-se mais tarde como legitimistas e clericais.

No dia 22 de junho uma manifestação operaria, englobando 400 pessoas, dirigiu-se ao governo e reclamou contra a supressão das oficinas. O ministro das obras publicas respondeu inconvenientemente.

— Já sabemos o que ha a fazer — disse Pujol, o leader operario que acompanhara a multidão.



Na rua, Pujol falou ás turbas. O governo mandou-o prender mas Pujol conseguiu sublevar em massa o pessoal das oficinas, prégando a construção das barricadas para o dia seguinte de manhã.

O general Cavaignac, que era o ministro da guerra, tomou providencias. Mas no dia seguinte de manhã quem estava na rua era a rebelião ao passo que a tropa não aparecia. Nos postos de S. Martinho e de S. Dinis tinham-se levantado barricadas formidaveis. A insurreição alastrava por toda a parte, até aos arrabaldes da cidade.

Três dias se combateu vivamente. O general Cavaignac, ao contrario do que haviam feito Marmout, em 1830, e Bugeau, em fevereiro, não dispersara as suas tropas, manteve-as sempre concentradas.

As paixões estavam muito exasperadas com o prolongamento da luta que custava caro ás tropas do governo. Estas, sobreexcitadas até á loucura, cerraram os ouvidos a toda a voz de humanidade e fusilaram todos aqueles que faziam prisioneiros sem mesmo saberem ao certo se pertenciam ou não aos sublevados.

Os generais Damesme, Negrier, Durivier, Bréa, o coronel Reynaud e muitos outros officiaes pereceram nesta luta. Mas, enfim, o general Cavaignac conseguiu combatendo três dias, sem [deixar dispersar as suas tropas, esperar que lhe viessem reforços poderosos da provincia, e

ao quarto dia de luta a revolução proletaria era vencida, atacando-se as barricadas a tiro de canhões e defendendo-se os operarios até á ultima.

Os horrores dos dias de junho não terminaram com a refrega das ruas.

As prisões estavam cheias de sublevados que em breve conheceram o desterro em Africa sem que tivessem sido submetidos a julgamento. Outros foram fusilados na Praça do Carroussel a pretexto de que pretendiam fugir.

Esta insurreição em que se não via nas barricadas senão a bandeira vermelha foi a mais sangrenta de quantas até ali se tinham realizado.

A assembleia republicana uma vez esmagada a revolução ufanava-se da sua vitoria dizendo: — *A civilização esteve a pique de baquear ás mãos destes bárbaros.*

Assim pagou a republica de 1848 aos operarios que por ela haviam sacrificado tudo. O resultado é que tendo afastado de si a simpatia do operariado, a republica ia cair dentro em pouco no dominio de Luis Napoleão que tinha de arrastar a França num desvairamento ao desastre de Sédan.

Depois virá a Comuna.

A LUA SERÁ REDONDA?

Tôda a gente está convencida de que a Lua é redonda. Pelo menos, ainda ninguem se lembrara de dizer o contrario e assim, ao passo que sobre a forma da Terra surgem a cada passo divergências, sobre a da Lua não havia controvérsia. Era redondo, tal qual uma laranja, esse decantado globo opalino de melancolico fulgor, a que ficou devendo inspiração e fama uma geração de desorados poetas, felizmente esquecida.

Agora, porém, acaba de surgir um astrónomo que sustenta e pretende demonstrar que a Lua tem a forma alongada de um ovo.

Não vem da América esta noticia: vem ainda de mais longe, dos confins do mundo civilizado, da misteriosa Austrália, e é Mr. Adams Colson, do Observatório de Sydney, o sábio que se lembrou desta interessante *blague* scientifica. Porque como tal vem sendo encarada pelos colegas de todo o mundo, que não admitem que Colson sustente a sério uma coisa que, segundo elles, não tem pés nem cabeça.

Diz Mr. Adams Colson que levou vinte anos a convencer-se do que afirma; mas, após esses trabalhosos vinte anos, chegou à conclusão de que a Lua não tem a forma esférica, mas sim, ovoide, cujo eixo maior está voltado para a Terra, o que fez com que, devido ao facto já constatado de o nosso satélite apresentar sempre a mesma face aos seus admiradores terrestres, tal não tivesse mais cedo sido descoberto.

O que é certo, porém, é que ainda nenhum outro astrónomo perfilhou a audaciosa teoria do sábio australiano.

BILHETES FEMININOS

Sôbre a moda, a elegância

— e a graça da mulher —

Minha amiga:

Eu sei. A mesma pergunta me dirigiram já algumas amigas, que ignoravam a bondade e a tolerância de quantos anseiam por uma sociedade melhor e mais justa. Não; os revolucionários não



são inimigos da elegância feminina nem mesmo o chegam a ser da moda, que é ridícula demais para lhes merecer ataques sérios. Limitam-se a estranhar que a mulher, a mu-

lher culta, a mulher consciente e que pretende ser livre, se subordine, numa abdição inteira da vontade e da dignida-

de, sempre gostava de saber, minha amiga, como a sua imaginação, ainda nublada por um pequeno preconceito burguês, fantasiou o traje feminino, no dia seguinte à Grande Revolução. O uniforme? O «fato de ganga»? Um saco com cinco buracos?...

Não, minha amiga; nêsse ponto, como em todos, os revolucionários só desejam a máxima liberdade, dentro da harmonia possível. Eu, que sou também revolucionária, desejaria ver a mulher empregar todos os meios para se tornar agradável ao seu companheiro, ora realçando as suas graças naturais com o vestuário, ora ocultando os seus defeitos com arte.

A elegância e a graça femininas serão eternas e o coquetismo é tam natural que até nos próprios animais, considerados inferiores, êle se nota.

O que é absurdo é a moda. Este ano saias compridas a arrastar; no ano seguinte curtas, pelo joelho; no outro só a meia perna, para no immediato voltarem a arrastar e depois subirem de novo até à rótula. Porquê?

Os vestidos ora de balão, ora travadinhos, estreitos como bainhas, ou com panejamentos largos. Porquê?

As cinturas umas vezes debaixo dos braços, outras abaixo dos quadris. Porquê?

Os chapéus ora de grandes abas, ora só copa. Porquê? Nada disso tem explicação. Ou antes tem-nas nos calculos matearialissimos duns burgueses ignobeis, que ditam a moda em Paris e são os grandes costureiros.

Usam-se este ano os veludos? Pois foi porque numa operação de bolsa em que o costureiro é interessado, os fabricantes conseguiram lançá-los. A côr da moda é o roxo-rei, o azul-electrico, o amarelo-tango? Que misteriosas protecções teriam empenhado os químicos que obtiveram essas côres, para que os costureiros as adoptassem.

E deve uma mulher independente estar sujeita a estas combinações da alta-banca e a estas conspirações de alcova? Ora a obrigam a ter seios e, quando não os têm, põe postigos, ridículos, ora lhe dizem que os suprima e, se os possui, comprime-os dolorosamente. Não será isto uma troça?

A mulher consciente deve escolher o traje, o tecido, a côr, que melhor ficam ao seu fisico. Se é excessivamente baixa, para que ha-de usar as saias curtas e se é muito alta, porque não as há de encurtar? Para quê o decote se o colo nada perde em ocultar-se e para que a manga curta se os braços não são bem modelados?

E' porque a moda o obriga? Mas a moda é um convencionalismo irrisório, que adopta agora as esquisitices orientais, as som-



brinhas de palmo, os tecidos estampados e até os mesmos quimonos, por falta de inventiva, de originalidade, de inédito e só para pôr fôra de uso o que se vestia no ano passado. E' por tudo isso que os revolucionários desdenham da moda e a focam em todo o seu ridículo; mas não é porque sejam inimigos da elegância feminina, é por detestarem todas as tiranias. Cria-o e creia tambem na amizade da Z.

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ **O QUE SE DEVE LÊR** ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Organização Social Sindicalista	3\$00
A crise do Socialismo por <i>A. Hamon</i>	1\$00
Os I W W na teoria e na pratica.....	3\$00
O Sindicalismo Revolucionario e a organização operaria por <i>Rodolfo Rocker</i>	1\$00
A Revolução Social e o Sindicalismo por <i>Orchinof</i>	1\$00
As três internacionais sindicais por <i>Schapiro</i>	1\$00
A concepção anarquista do Sindicalismo por <i>Neno Vasco</i>	3\$00
A Historia do Movimento Macnovista por <i>Orchinof</i>	10\$00

Os Misterios do Povo por *Eugenio Sue*

Episodios publicados:

I — A Braga do grilheta — A Foucinha Douro — O cano da morte.

II — O colar de Ferro — O Carpinteiro de Nazareth.

III — A mãe dos acampamentos.

IV — Ronau, o vagabundo.

Cada livro de 300 a 400 páginas, ilustrado e encadernado a **10\$00**.

Pedidos á nossa administração acompanhados das importancias respectivas do porte de correio e registo:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comicios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc... etc...

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris— *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U. S. A.)— *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina— *José Francisco de Jesus*— Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal— *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA